

ANNO VIII

RIO GRANDE DO NORTE

NUM. 9

# POTYGUIAR

DA

REVISTA MENSAL

## Officina Litteraria "Leanyai Neucena"

NATAL — ABRIL 1911

DIRECTOR

*Gotthardo Neno*

SECRETARIO

*Ponciano Barbosa*

GERENTE

*Somes da Silva*

REDACTORES

*Ido Filho  
Josué Silva  
Jorge Fernandes*



ASSIGNATURAS

Trimestre . . . . . 1\$000

PAGAMENTO ADEANTADO

### LYRA PO

#### LYDIA

Fallo de quem se vai na vida,  
Um mundo acesse que não  
E não pensa seguir na vida,  
Que te contorna a vida.

Pobre presidente! Se alegrar que  
Com tua sorte, não te impollemo  
Branca oucena, não te doas  
O que nós tu fazer na eternida.

Togas de terra, não te cobras  
Mas, meu amor, se conseguires, dá-as  
De certo, não, não, não sepelidas.

Teu nome nós, também não cobras,  
Pois, não de nós, a patria, das cobras  
Lo olhar das mães, não, das cobras.

Rua de São

# POTYGUAR

Revista mensal da Officina Litteraria "Louival Acucena"

## AUTA DE SOUZA E O "HORTO"

Ha muito que se fazia precisa a reedição do HORTO, deste meigo e sentido hymnario á magua do amor, ás flores, á innocencia e á vida. Felizmente a dedicação amavel que H. Castiliciano dedica á memoria de Auta, fez-o reimprimir os versos magnificos da irmasinha infelice e os fados delxaram a mim, aos que não desamam as obras d'arte, a immensa ventura de um immenso prazer litterario.

Todos conhecem a admiravel collectanea dulce do rimario excellê que é este livro que temos, agora, entre mãos: todos já leram, calmos e sentando a mesma doridã emocão que em todos os seus versos impéra, este livro luminoso que é bem a synthese da nossa litteratura, embora o não consinta a idéa apaixonada e trivial de certo chronicista anonymo.

O HORTO, attendendo-se ao tempo em que foi escripto, ao momento em que foi imaginado, ao estado d'alma da sua grande artista, tem o seu merito accrescido.

Autá trabalhillo sempre cheia de padecimento, torturada pelo mal cruel que a matou; mas, isto não basta para que alguem diga, bem como certo critico das bandas do Rio, ter alcançado a auctora do HORTO essa aureola de admiração, pelas dores que lhe ensombraram os dias..

Infelizmente o nosso Estado tem sido o martyrisado, dentre todos, por esses critiqueiros baratos que, sem lhe conhecerem ao menos a posição que elle tem nos mappas, falam de seus modos politicos, das suas condições economicas, das suas letras e dos seus homiens, falam de seu atrazo, secundando as seccas na obra do seu amquiamento.

Para que o Rio Grande do Norte tenha um certo destaque na vida litteraria, porquanto é a esta que nos referimos agora, basta o nome deliciosamente grato da sua desolada filha que fulge, desde o amor artistico do torturado da Forma té a ingenuidade alentadora da alma simples do povo.

Ha por ahí quem diga, loquaz, audacioso e pretensio, que não temos ainda um livro de merito!

Apontemos a quem assí pensa o marmoreo «Vibrações», o lindo «Alma Deserta», o «Santissimo», o «Bandolmatas», o «Esmaltes», o «Verbenas», o «Alyorada» e outros mais que em nada desmerecem os recantos das nossas estantes..

É a grande religião do pessimismo que está fascinando a legião dos homens de letras. Há a desillusão, é o desamor, pois, aqui no Brasil, pensam elles, *as letras não dão para os melões..*

De muito novo ainda, habituei-me a querer, a prezar demais a poesia de Auta e assim num pasmo quasi religioso— a admiração de um druida (para elegantear a phrase) voltava-me para quem quer que descantasse o sentimento dos seus versos musicados. A minha imaginação puerilissima surgia adocçada a alma cantora do HORTO, triste, a voltar elegiacamente o olhar maguado para o céu, para a *patria das estrelas*, na esperança confortiva de para o céu voar.

Lendo-se-lhe o livro impercível, a forte impressão de um quer que seja de ameno entra-nos a alma, esvoaçã té no infinito, diserte um canto sereníssimo e doce e deixa nos a saudade terna e mansa da vida de um passaro do céu que nos houvesse alentado as desditas com as langues modulações de sua voz *crystalina*..

É um livro de prece o HORTO, e de preces tão leaes que a doutrina mystica do piedosismo das orações ali está tranquillo, commovedor, a consolar as almas afflictas.

A primeira poesia do livro é uma profunda oração, que termina com um adens nos lyrios enquanto ella buscava o seu calvario..

Outras da mesma forma encontram-se no momento a momento. Depois, vem a poesia de ser o lyrisimo, subtil, dulcido «Dadá», «Canarios» e «Creang Campo»:

Moca ingenua e fe  
O doce filha do sertão  
O teu olhar cego  
Tem o fulgor da vida

E assim contin  
que são uma f



## PALESTRAS OU PALAVRAS

Emile Zola, o immortal auctor francez que tantas verdades deixou escriptas em suas paginas fecundas, interpellado, um dia, ao voltar do seu exilio em Inglaterra, por aquelles que se mostravam desanimados em face da attitude ostensiva assumida pelo povo contra o sublime defensor dos fracos e dos humildes, disse: «só uma coisa vale neste mundo, o trabalho.

Fazer cada dia, conscienciosamente, a sua tarefa. O homem passa, a obra sobrevive. Não ha esforços inuteis».

Aquelle povo que tanto odio alimentou, que tantas injurias fo mentou contra Zola pelo seu celebre manifesto de accusação á quadrilha agalonda, que com o futil pretexto de salvar o Estado, condemnava a Dreyfus innocente; aquelle povo que, no delirio da exaltação insciente, appava o intrepido auctor da *Fecundidade*, num infernal berreiro de—«Zola a la Seine»—foi o mesmo que, depois da morte daquelle grande homem, evocava o seu nome augusto, em volta de seu túmulo, com altos brados de—«Zola au Pantheon».

E porque aquella turba que conseguira outr'ora do governo francez o decreto de exilamento para Zola, assim o glorificava, exigindo que se deposessem os restos mortaes daquelle soberano vulto na galeria dos immortaes, reivindicando deste modo um dos sagrados direitos do homem contido na lei das compensações e a que Zola mais que ninguem fazia jus? E' porque, leitor amigo, os homens ultrajam, como alguém o disse, e os tempos vingam e Zola cumprira o seu dever. Sim cumprira o seu dever de trabalhador incansavel, já na lucta incessante de sua potente força intellectual contra os homens do governo, como o attesta no seu livro masculino *J'accuse*; já na batalha sem tregoa da miseria operaria contra o capital accumulado destes senhores feudaes endeusados, que não cediam um só passo em favor do miseravel que succumbia nas galerias subterraneas das minas, ao explodir do *grisá*, como elle o pinta com as cores mais palpantes na sua obra, que é a condemnação do velho mundo, o gigantesco *Germinál*, este grande poema epico em que o auctor «desceu as espiraes da

dor, de que fala o poeta, e trouxe de lá com pavores nos olhos e coleras no coração, o maior protesto que ainda a piedade humana tem lançado á face do mundo.» E Zola sahio do olvido.

E seria a maior das injustiças, se o povo francez, apesar dos traços tão diversos que o caracterisam, da monomania aliás reprovavel de assistir á execução de Maria Antonietta e, com a mesma roupa, apresentar-se no bosque de Bolonha ou na Ópera, não reconhecesse o valor do merito, os esforços do luctador valente, fazendo a consagração de Zola com a sua entrada no Pantheon.

Como é bello e compensador o trabalho!

Por elle o ancião descansa tranquillo, legando aos seus descendentes um passado glorioso e honrado; pelo trabalho, o sabio faz a sua entrada triumphal no coração dos seculos; o moço aspira uma vida futura; a criança entra no caminho do dever, a mãe prepara-se para a vida da familia; é por elle que as nações são grandes e poderosas; no trabalho assentam todas as instituições politico-sociaes; o trabalho deu a Bernardo Palissy as palavras da conquista; impulsionou a França sob a energica actividade do ministro Colbert; Galileu descobre a rotação da terra; e, finalmente, o que ha de mais bello no grande scenario onde se chocam as idéas, as sciencias e as artes, tudo, tudo em fim, é fructo exclusivo do esforço humano, concretizado nesta simples palavra—trabalho.

E nós, meus amigos do POTYGUAR, nós que tantos e tão insuperaveis obstaculos temos encontrado para manter a nossa revista, em um meio onde não se lê, onde a indolencia intellectual é característica do nosso povo, que devemos fazer? ficar inertes ante as difficuldades que se nos antolham? Não, absolutamente não. Prosigamos na linha de conducta que nos traçamos; e hoje, mais do que nunca, trabalhemos porque o trabalho sabe bem ao nosso ideal progressista.

Jullia

---

**Nova Cruzada**—Agradecemos, com satisfação, a honrosa visita desta brilhante collega que se edita na capital da Bahia e que é collaborada por p. n. as de destaque naquelle centro intellectual!

## Rio infeliz

A. Jorge Fernandes

Este é o trevoso rio do Tormento,  
o rio dos infelizes dissabores...  
E tu, Alma, por onde quer que fores,  
trás de vaga em vaga do sofrimento.

Nelle não se reflecte o Firmamento,  
nas suas ribas não rebentam flores.  
Tenho pena de ti, rio das dores,  
das neixas, do fatal padecimento...

O rio amargo das desesperanças,  
tanto das Iras todas deste Mundo,  
sem brandas vagas e sem vagas mansas,

Não devastas airoz a Flor dos sonhos,  
o rio do Tormento mais profundo,  
o pélagó dos pélagos medonhos...

Ponciano Barbosa

## SEMPRE VIVA...

*"Não ha nada que se pareça tanto com  
uma linda mulher do que uma bella rosa"*

FORJAZ DE SAMPAIO—C. Immorates

Eu amo as flores. Adoro as rosas hu-  
mildes, salpicadas do orvalho humido  
das manhãs abrilinas que florescem, mi-  
mosas, nos canteiros esquecidos, virgens  
do olhar perverso dos namorados felizes.

Admiro-as como ás flores fidalgas,  
as formosas flores com que as damas do  
tom enfeitam suas toilettes lindas.

Uma mulher bonita, elegantemente  
vestida não me parece impecavel, a mim  
que tenho a religião do modesto, se não  
he completa o encantamento uma es-  
plendida rosa axelludada e soberana  
como estas languorosas flores levanti-  
nas ou alvas e superiores como estas  
magnificas guanabaras.

As flores como as mulheres têm a sua  
hierarchia, diz brilhante escriptor.

Entre as aristocratas endeuso a ca-  
melia vermelha e branca como certas  
virgens, angustas e raras como princesi-  
nhas, encantadas, insensíveis e orgulho-  
sas como essas mulheres mancebilhosas,  
com voz macia e perfumada, turturinan-  
do beijos sensuaes.

Bem diferentes, tão diferentes, Je-  
sus! das boas noites modestas, sem pose,  
oculentas e castas, mas oh! sempre bel-

las, na sua humidade adoravel, fazen-  
do dos prados loirescentes estranhos jar-  
dins de sonhos e doçuras ineffaveis.

Entre as esquecidas cultuo a bonina,  
mimosa margarida dos campos, interes-  
sante como uma redondinha primavera  
de carne, de olhos meigos e vivinhos a  
brilharem amorosos, por entre os cilios  
longos e negros que os velam, como estrel-  
linhas lucillantes em noites profundas.  
Entre as humildes tive uma que conser-  
vo como recordação dos felizes tempos.

Deu m'a linda morena, rica deidade  
de quinze fortes annos de verde mocida-  
de, de olhos sensuaes languorosamente  
castanhos e mysteriosos, semi-circula-  
dos de tundas olheiras doentias.

Amei-a muito e por isso conservo a  
ainda como se fora aquella soberana  
rainha de graça, dona das mais bellas  
mãos que tenho visto; sem que o tempo,  
esse grande farcista que tem o poder de  
anesthesiar as pretandas maguas huma-  
nas, conseguisse extinguir a tenra flori-  
zuiha de eterna belleza, apesar destes  
quatro longos annos que separam nos-  
sos destinos varios: o della, de crente do  
ideal, o meu de eterno atormentado cul-  
tor da arte, da arte que me fascina e ele-  
va, para lá, muito para lá das chatissi-  
mas materialidades da vida amarga.

E ao vel a hoje, a minha pobre sem-  
pre viva tanada, nesta tarde elegiaca de  
fim de Março de agonico crepuscul, eu  
me lembro, oh! capitosa morena que os  
fados impiedosos me arrebataram, da-  
quella tarde magestosa de Maio, de ale-  
gre e distante Maio azul, de lindo céu  
côr de seda velha, quando nós, unicos  
verdadeiramente felizes, passeavamos  
no teu jardim de ineditos encantos, que  
o nosso orgulho de namorados alegres  
queria que fosse o eden, não o dos nos-  
sos primeiros paes, sem peccados e be-  
ijos, mas um eden século XX onde tu, Eva  
adoravel, mordicavas todos os fructos  
e eu Adão guloso e egoista—seguiu te as  
caminhadas

E é por isso que hoje, a escutar a voz  
das velhas coisas sagradas, apaixonado  
como aquelles mancebos da meia idade,  
teudo a religião do simples como esta  
pagina que as asas infatigaveis de minha  
alada fantasia ditaram me, sinto o va-  
cuo, o vasio que me deixaste na vida, oh!  
minha para sempre perdida imagem da  
encantadora belleza morena do norte...

## Soneto

«Eu vou-me embora antes que chova; e ella  
Que perto delle estar sempre queria,  
O espaço oihou com expressão stugella,  
Nem uma nuvem pelo espaço havia!»

De quando em quando, na azulada t'la  
Mais uma estrella, branca, apparecia;  
Pôra, talvez, para offendel-a aquella  
Phrase cruel, que tanto lhe doia.

Fôra, de ceto; não valia a pena  
Amal-o tanto... Louca ella o condemnou,  
E olhando o céu, como imploando calma,

Viu mais estrellas pelo céu luzindo,  
Qual se estivessem murmurando e tindo  
Da tempestade enorme de sua alma.

Adelle de Oliveira

## NOTAS DISPERSAS

No meio da habitual indiferença pública, transcorreu a data mais fulgurante da nossa historia democratica. O dia 21 de abril ha de ser, através do successivo desdobramento das edades, um marco milenario da nossa coragem civica. Bem diminutas raças do planêta fornecem exemplares tão robustos de patriotia como esse humilde mil'ano de Vila Rica, arrastado pelo ent'usiasmo da propaganda, seduzido pela sua crença libertaria, que nada mais era do que a ressurreição de um territorio morto, de uma colonia degradada pela ambição da metropole, sob o dominio estéril de uma rainha quasi louca. A obra legendaria dos inconfindentes tem filiações historicas com outros ruidosos movimentos de emancipação social, que agitaram as correntes politicas de outras éras, em determinados periodos da existencia de varios povos, tambem soffredores como o brasileiro colonial, tributario da ganancia aristocratica de uma cõrte sem alicerce e sem prestigio, que deturpava as glorias antigas da gente lusa, a sua fortaleza na conquista de paragens remotas, «por mares nunca d'antes navegados», descortinando sólos opulentos no mysterio da Natureza primitiva...

Uma nacionalidade que se orgulhava da bravura cavalleiresca ds seus nautas, recortando a espuma de mares que outras quilhas jamais haviam sulcado; que não possuia e não possui ainda hoje quem se lhe compare na intrepidez das batalhas e das descobertas, vivia entretanto de uma usurpação desbragada,

transportando para a séde da dominação gallêga os minerios mais preciosos das jazidas nacionaes.

Era o consagrado principio da autoridade que occasionava a movimentação dos patriotas, indignados pelo esquecimento dos direitos patricios, pelas mil ciladas de uma politica hypocrita e reaccionaria, que não tirava bases no sentimento publico, nem despertava confiança no gremio numeroso dos proprios correigionarios.

E a caudal do civismo redemptor, alastrando com estrépito pelo seio das almas democraticas, tivêra combatido o alicerce dynastico, si não fôra a perfidia cruenta que é um ponto dos mais negros na historia da liberdade nacional.

O alcance d'essa liucta infeliz pela emancipação de um povo ninguem pôde avaliar investigar ainda com justeza e sereno criterio. O seu valor social era dos mais importantes, uma vez que elle pretendia mudar a face das coisas contemporaneas, absolutamente antagonicas com a indole da raça forte e generosa, nascida debaixo d'esse estrellario tropical que forma o Cruzeiro do sul.

Muito porfiaram os spartanos brasileiros por uma victoria talvez equal ás miragens do arçal assyrio; queimaram-lhes os olhos as lagrimas sangrentas da nostalgia, na soledade remota das masmorras africanas; mas finalmente, depois que se escoaram muitas phases de opprobrio, muitas epochas de vilipendio, foi um príncipe lusitano que, obedecendo inconscientemente á fatalidade da Historia, salvou com aquelle orado legendario do ribeiro paulista, a honra secularmente ultrajada de uma gente heroica e laboradora, realizando desta sorte o pensamento libertario dos evangelizadores mineiros...

Apezar de decorridos alguns dias após a commemoração d'esse feito tradicional, nunca é tarde para um tributo saudoso aos que souberam sacrificar-se pela mais sympatica das causas humanas...

\*\*

Quizera que me dissessem—aquelles que vivem a exhumar do Passado as lembranças que lá se sepultaram,—lembranças estas que não nos recommendam em sua totalidade e das quaes será sempre melhor que algumas fiquem no seu tumulto imaginario,—quizera que me dis-

esses esses profundos sabedores de coisas antigas, onde se acham occultas as nossas lendas, são glosadas em verso e prosa por certos rabiscadores que parece andarem vendo estrelas em pleno dia, mas que o povo absurdamente ignora, mesmo porque ellas talvez nunca existiram.

Fata certa gente, costumada a fantaziar o que é inconcuntable com o fantazista, em cada rio, em cada praia, em cada serrão e em cada floresta, em cada riacho ou lagoa, debaixo de cada campino ou á sombra de qualquer latupana canabeste, dorme uma lenda bonita, uma tradição que daria assumpto para um grosso poema.

Não territorio serranejo, os infatigaveis escavadores do prefecito espalharam tambem historias, muito parecidas com as narrativas da Caribinha ou as anedotas bizeluzas de Pedro Maluco.

Chretauró, n'aquellas paragens infelizes só se encontra uma lenda — a da fome periodica que devasta o estomago do camponio desvalido, dos gados que não descóbrem um ramo de arvore verde, ou um simples trecho de relva na desolção seivagem das campinas adustas.

Não sei si a fabricação do queijo, o preparo da carne secca, o engarramento da manteiga, o abóio dos viqueiros ao cahir da tarde, recolhendo o cobanho nédio e paciente, o gallo de campina saltando estridulos hemóes nas moitas de mussambê ou nos varões da curral das fazendas, o cangaceiro heroico e generoso que busca proteger a fortuna dos proprietarios agricolas, alvejando-lhes o musculo dos ombros com a descarga humanitaria de um chôcca de sino, o tanque natural da serra de Sant'Anna, os piões azues da lagoa do Apody, as serpentes da igreja de Extremoz, com o respectivo carro que se submergia conduzindo o sino da capella, desastre esse que o povo ingenuo inventou, dizendo que, nas horas mortas da noite, ouvem-se diversos barulhos no fundo da lagoa: é o carro que canta, o carreiro que grita aos bois, estes que mugem e o sino que badala...

Si isso tudo é lenda, que mereca o acurado exame dos bibliophilos, com muita satisfação applaudo a lendaromania dos estimaveis cavadores das ruinas do nosso Passado.

Gilberto Nunes

## SUPPLICE

Tudo o teu ser respira francamente  
Um perfume subtil e penetrante,  
Sinto por ti amor que puro e ardente  
Que não posso near de ti distante.

Esse profundo olhar electrizante,  
Olhar que passa á furia indolente,  
Teu de vesper azulino em seu devante,  
Resuscita o fulgor transesistente.

Enfim tudo o que a teu, tem graça e encanto,  
E corre o corpo p'archando o mundo,  
Na Voz de uma musica de Poesia.

Teu piedade de mim, tuco de amores,  
Transforma o meu viver de certos dozes,  
— Tu me um beijo de amor, enposo a canção.

D. LXXI

## MULHER AD HOC

A proposito da *Jupe aillote*, que tanto esta preocupando o espirito de nossas gentis leitoras, lembrei-me, não sei por que associaçõ de idéas, de antiga anedocta que li n'algures.

Na Inglaterra, antigamente, as mulheres eram sujeitas a uma tal austeridade e costumes que lhes era vedado o apparecimento em scena, nas representações theatraes.

Coacção absurda, rigorismo exarato, que dava logar a casos verdadeiramente hilariantes, pois os papeis femininos eram desempenhados por marmanjos vestidos *ad-hoc*.

Uma noite, representava-se a peça de conhecido auctor em que devia apparecer a figura de uma rainha.

O theatro estava á cunha. Na sala, grandes jorres de luz derramavam-se do lustre e, n'um caseatear incandescente, espalhavam-se por toda ella, deslumbrantemente, mas vilbosamente.

No panno de bocca, no pesado estofo cor-de-purpura, uma Venus enpaledada voluptuosa, entre flôres douradas e borboletas pequeninas e mimosas, concepção feliz d'algum pintor d'aquelle tempo.

Nos camarotes os leques, movidos delicadamente por mãos microscopicas e brancas, agitavam-se nervosamente, ligeiramente, como borboletas n'um saltitar continuo, desordenado e louco.

BILHETINHOS

VI

Presada Ignalda

Aqui e acolá, nos camarotes, umas espaduas brancas, «da brancura symbolica da pureza», destacavam-se provocadoras, nas côres brandas das sedas finas; e embaixo, nas cadeiras, uma calva rosada resplandecia lusente ao reflexo das luzes.

No paraizo faziam um barulho do inferno.

Um perfume forte e indefinivel, um conjunto de todos os perfumes, impregnava-se no ambiente morno e abafado.

Os musicos, de envolta com o susurro das vozes, afinavam os instrumentos, em completa desharmonia.

Os olhares *radiographavam-se*, cruzavam-se invisivelmente, electricamente.

Por entre o susurro da multidão e ao som do hymno, entrou então o reino camarote imperial, em todo o esplendor de sua pompa real.

A sineta aguda e forte soara pela terceira vez, arrancando um o...o...oh!... prolongado e zombeteiro, das torrinhas.

O regente da orchestra deu o signal e os musicos executaram a classica ouverture.

Terminada esta, depois da tradicional salva de palmas, anciosos, esperavam os espectadores a subida do panno.

Passaram-se dois minutos e nada do panno mover-se; cinco, dez minutos e o publico começava a dar evidentes provas de desagradc.

O rei, finalmente, vendo que o panno não subia, impaciente e zangado, mandou um ordenança chamar o director; este veio e o rei perguntou lhe:

—Sr. director, porque não dá inicio ao espectáculo? O publico já se impacienta!

O director, todo respeitoso e humilde, dobrou a espinha n'uma mesura e disse:

—Perdão, Senhor, a rainha... ainda não fez a barba!...

O rei rompeu em estrondosa gargalhada e pacientemente esperou que a rainha se barbeasse.

L. Potyguar

POSTAES

Maria, meu amor, estou ausente  
Não sei porque, não sei, dos teus olhares  
Que me livravam de sentir pezares  
e orque juravas que eram meus somente.

Não procuro dizer que és uma ingrata;  
Porém eu soffro tanto ha tantos dias...  
Fugiram da minha alma as alegrias,  
Tão longa ausencia, meu amor, me mata.

Silvino Cama

Pensativa e merencoria, pallida e doentia, olhos fitos em Christo numa adoração extatica, estavas qual a Nossa Senhora das Dores, soffrendo os martyrios dolorosos das sete laminas traspassadas em seu coração; de pupillas maguadas, tendo nas faces macias os desmaios da nostalgia, toda constricta, desfiando em um rosario branco de continhas brancas, avemarias, padrenossos e preces...

Depois, num mental suave de tua cabeça pequenã, após um longo suspiro, expressão de quem mysteriosamente soffre um desgosto profundo, choraste. Copiosas lagrimas, celiram sensiveis pela boniteza de teu rosto fortemente dorido, indo umas abrigar-se indiscretas na mornura dos teus seios tumidos; outras como gottas de orvalho no pistillo da flor, esconder-se na frambuesa polpuda de tua bocca, sensual como um beijo ardente de namorados, sob as brancuras de um luar pleno...

Choravas, e ao mesmo tempo, com os olhos transbordantes e lacrimosos, contemplavas, soffrega, como outr'ora Magdalena no tôpo do Calvario o Nosso Senhor Morto, esqueletico, chagado, fazendo orações, implorando talvez, ou muita felicidade para atravessar esse mar procelloso da Vida, que ultimamente nos tem sido tão agitado e tão cheio de difficuldades, ou para acalmar os maliciosos espiritos dos que vivem dizendo tantas cousas de nós...

Tem resignação adoravel Ignalda, não, ouças e nem olhes a Humanidade.

Confia somente na magestade imperante do Coração, e deixa que depois de percorrer os sete Passos dos meus Sonhos, tendo sempre como cyrmeus a luz bemfazeja dos teus olhos, subirei ditosamente ao Golgotha do Affecto, e ahi soffrendo os martyrios deliciosissimos do Goso, tendo por cravos as dulcificações dos teus beijos, por sepulchro as tuas caricias, o teu amor, morrerei todos os dias, na cruz morena dos teus braços morenos, sentindo nos spasmos da volupia, nas alleluias da carne com a carne, a minha alma numa ascensão deliciosa, se elevar para os ceus encantados da Felicidade Suprema...

O teu—

Paulo Silva

## Visagens

(EPISÓDIOS DE VIAGENS)

— Não é mentira. Pode o patrão perguntar por toda esta redondeza! A Tapera que dista d'aquí 2 legoas, e por onde *Voniccé* tem de passar, é mal assombrada! Por volta da primeira cantada do gallo, não ha vivente por mais discrente que seja, que não tope a Tapera e não fique assombrado, patião!

É dito e feito! Luda ha pouco tempo o Nanbú, negro, disposto e de nenhuma mentira, la se foi. Ita noite por aquelles muidos e não pô de atravessar o taboleiro, e da Tapera voltou que fazia pena! O negro de medo ficou cinzento e todos aqui sabem que levon doente uns ponceos de dias por causa da viagem.

— E o que viu?

— Seu patrão, o negro *amodo* que tem *sobrossa* só em contar.

Quando se pergunta áca *zangão* e benze se, começa a olhar desconfiado e a pouca gente conta o *passado*. Astro dia conversando á cerca d'isto disse-me um compadre d'elle, o Lucas, o que se segue:

— Nanbú ia zombando dos fallaços, caminhando n'u'a mulla estrada que nunca o destreitou e que, ha dois annos, a possuia.

Os gallos estavam na primeira cantada e o ceu estava como está nestas

horas. limpo de nuvens e cheio de estrelas que fazia gosto!

Caminhava com Deus, afóra a *lambedeira* da cintura. Disse elle patrão que até ia cantando assim:

«Levo saudades no peito,  
Tristezas no coração!  
Morrerei.....»

Ahi o negro entallou! A lingua ficou uma bolla de chumbo, a mulla acouou se n'um capão de matto, bufando, soprava aos pinotes como se tivesse visto cobra! E por traz da Tapera o negro ouve com os cabellos arrepiados, uma gargalhada comprida que foi um nunca acabar.

Esporou a burra, nada! e dentro da casa ouvio *esguincho amodo* de um chamado assim Psciu... Psciu...

Nanbú não quiz conversa; benzeu se e n'um desconjuro deu de redeas e em toda carreira voltou p'ra casa emquanto ouvia o chamado do penitente «Psciu... Psciu...»

\* \* \*

No dia posterior a esta ingenua narrativa, moutei a cavallo n'uma noite clara de luar. Ia caminhar quasi toda noite e por consequinte passaria depois de meia noite nas immediações da casa abandonada.

O campo estava deserto e calmo; alem pelas mattas ouvia-se os *piás*. As aves nocturnas em vôos tristes no espaço aclarado da lua.

## → ULTIMO RISO ←

ROMANCE INFEDITO

[2]

Chegados em frente ao *Natal Club* pararam. A frescura da noite e a certeza de que no outro dia cada um podia levantar-se da cama á hora que quizesse, porque era Domingo, fizeram com que elles novamente enecetassem a conversação.

— É uma dos diabos ter que seguir amanhã, Domingo, e ás duas horas da tarde!

— É o que tem isso? perguntou lhe o Jorge.

— É o que tem isso!... Ainda me fazes tal pergunta, homem sem coração, homem sem alma. Não sabes que é sempre aos Domingos, á tarde, que nós melhor nos vemos, que mais conversamos?

— Ora meu caro Arthur, muito peor

do que isto é viver eu com os meus intestinos inutilisados sem encontrar um remedio que p'ra elles sirva e com os meus olhos cheios de glandulações sem poder uzar oculos, porque como sabes nem ao menos sou um bacharel em projecto.

Nisto o Luiz que se achava a assobiar um trecho da *Viava Alegre*, levado pelo modo gracioso das palavras do Jorge, dispara n'uma formidavel gargalhada que abala intimamente o Arthur por julgar que os dois o queriam levar ao ridiculo.

— Nada vocês levam ao serio. Procuto-os para dizer lhes o que sinto como um alivio ao meu soffrimento e vocês me querem levar ás gargalhadas.

Caminhava só. O céu recurvado e límpido abençoava-me apinhado de estrellas. De vez em quando a lua occultava-se em densas nuvens obscurecendo a estrada, enquanto ao longe, da povoação que tinha deixado, ouvia quasi imperceptivelmente o ladrar monotonico de cães. Caminhava... e a noite avançava lenta, o céu e os campos pareciam dormir cheios de luz doce e sombras indecisas.

Os piados das corujas tornavam-se lentos e os gallos entoavam, enternecidamente, cantos que vinham de longe.

Aquella calma e o adormecimento de tudo fez-me lembrar a Tapera. E comecei a pensar: «Devia ficar alem, proxima talvez ao vulto de uma arvore mais saliente e copada que se erguia solitaria e distante. E aproximei-me d'ella sem que a cabana apparecesse. E a noite continuava melancolica e longa, cheia de luz e de ternura das estrellas que lusiam alto, muito alto. Às vezes parecia fechar as palpebras—aquella noite fria—quando a lua embaciava-se, ligeiramente, nas nuvens negras e depois aclarava, como tudo se despertasse de um rapido cochilo.

Ao transporto do monte a Tapera appareceu-me solitaria e feia n'uma pequena planicie. Ao longe, distinguia-se indecisamente, como uma caveira, pela escuridão das duas pequenas janellas com uma portinha no centro. Aproximei-me recordando-me da narrativa da vespera.

—Não penses nisto amigo, é porque foi tal a pilheria do Jorge que me não pude conter; mas, o que queres? precisas de mim para alguma coisa? Estou prompto a cumprir as tuas ordens.

—E em tambem, diz o Jorge por sua vez. Ninguém melhor do que tu sabe que na lei de servir é commigo. Vamos, dize, o que precisas de mim?

—Alguns favores.

—Então fala, disseram os dois ao mesmo tempo.

—Comprehendem vocês a difficuldade que eu encontro para corresponder-me com Alice, durante o tempo em que eu passar no exilio, pois, quero que um dos dois se encarregue de receber-lhe as cartas para mim e de entregar-lhe as minhas.

—Prompto, isto é coramigo, disse logo o Jorge, estás satisfeito? o queres mais?

Quero ainda que vocês na qualidade

No entanto ella fazia quieta e arruinada no deserto, humilde como um mendigo d'aquellas paragens. A alguns passos de sua frente erguia-se um cardero de aspecto desolador, de galhos levantados para o luar, desnudados e espinhosos, numa attitude de supplica oscillando humilde a cada passada de vento. Em frente parei com um ligeiro arrepio de sobresalto.

Uma gargalhada extranha e prolongada fez-me deter o cavallo indifferente. «O que será?...» Pensei. Outra gargalhada echoou trênetica em ente.

Esprei o animal que começou a caminhar a passo, ao tempo em que a lua acabava de se encobrir alem das nuvens.

Meus olhos estavam sobre a casa deserta e arruinada.

As nuvens passavam e terceira gargalhada feriu o silencio e o clarão do luar mostrou-me na estrada o vulto astucioso de uma raposa que erguia o focinho para o espaço como interrogando a doce paz do céu muito curvo e muito claro...

Poisou como um cão e tornou a gargalhar a alguns passos de distancia de mim, enquanto a pobre Tapera ia ficando atraz abandonada e solitaria rangendo a mercê do vento, a portinha simicerrada, trazendo aos meus ouvidos sons como de um chamado que tanto atterorisara o «Nambú»: Psciu... Psciu... J. Fernandes

de meus amigos procurem com ella conversar, falar-lhe em meu nome e dizer-lhe que eu, lá no sertão, onde a selva é punjante e o gado nédio muge enchendo de alegria o mattato incansavel, lá, onde, ao cair da tarde, ao balar das ovelhas contentes e aos ultimos cantos da Juru ty saudosa, parece não haver um so ente infeliz, lá, dizei-lhe, eu serei um infelizmente que com a alegria dos outros sentirei tristezas e sosinho, inteiramente só, trarei sempre em meus labios o seu doce, o seu santo, o seu divino nome, como se fosse uma prece elevada ao Senhor nas horas do agasalho.

—Bem meu amigo, vae descansado. Sei já o quanto amas, será minha a tua causa; faze de conta que estas palavras que nos acabaste de dizer foram uma despedida a elle feita e sellada com o primeiro beijo dado no momento do derradeiro Adeus. Vae descansado, as tuas palavras tenho-as no coração e amanhã

## NOTAS AVULSAS

### Adelle de Oliveira

O POTYGUAR, publicando na presente edição um meigo trabalho litterario de Adelle de Oliveira, alma docemente lyrica, tem as suas paginas lumbriçadas pelo fulgor intenso do seu nome e pensa vender-lhe uma simples homenagem, culto de que se fazem merecedores espiritos laicidos como aquelle, que, sendo orgulho do povo de Ceará-minim, é tambem orgulho do nosso Estado.

### Consortio

No dia 20 deste mez consorciou-se civil e religiosamente, nesta capital, com a gentil senhorita Maria da Conceição Machado, o nosso estimavel e talentoso consocio bacharelando João Baptista do Nascimento.

Aos jovens desposados os da «Officina» desejam toda sorte de felicidades.

### “O Electrico”

Assim se intitula um magnifico livro de sortes que a Empresa Progresso & C<sup>a</sup> tenciona dar a lume até o fim do mez entrante.

Artisticamente trabalhado, o esfasiante opusculo encerra uma collaboração selecta e variada, não só de alguns humoristas dos mais talentosos que possuímos, como tambem de espiritos consagrados na litteratura indigena.

“O Electrico”, á semelhança dos seus congéneres de outros Estados, procurará com suprema galhardia e alacridade divertir a alma bohemica da nossa terra, o recesso dos lares amigos, onde vulta a jovialidade ingenua das donzelas e o coração saudoso daquelles que já procuram os ultimos declives da idade.

A ninguem escapa a utilidade desses livrinhos pittorescos que tanto concorrem com a sua ame-

hei de a fazer chorar recitando as com o mesmo sentimento, o mesmo ardor, a mesma firmeza com que acabaste de pronunciar. Vamos, já é tarde, precisas descansar e o somno é o melhor calmante para quem tem os nervos exaltados. Eu cerei tua estrella.

Nisto ouvem, como viudos da rua dos Tocos, os sons de uma walsa cantada pelas cordas gementes de dois violinos e pelo sopró de uma flauta.

—Que é? pergunta o Jorge.

—São os eleitos da ventura que se divertem, diz o Arthur. Almas felizes, que se hontem soffreram, choraram, hoje tocam e procuram adormecer com o som a noiva que ainda vela. Ah! a serenata ao luar é um ferro em brasa chegado ao coração de quem soffre, mas, é tambem um gozo, offerecido á alma do que ril! É como são felizes aquelles seres que segredam os seus idyllios amorosos ás cordas do instrumento sem vida, mas, que

na garradice e as suas pilherias innocentes, paretonificar os espiritos, apagar a treva de muitos corações, estimular amores tímidos e reviver a saudade de tempos que não voltarão.

Elle será genuinamente nosso, falando das nossas tradições, enfeixando as harmonias dos nossos bardos, vivos ou mortos, harmonias que andam esparsas como illusões errantes e fugitivas...

Almejamos o maior successo ao original livrinho que foi escripto pelos infatigaveis bohemios — Pantaleão Bodoque, Hilario Pachola, J. Vadio, Zé d'Esperança, Felix Fidelis, e Zero e é o segundo trabalho desta natureza que se imprime nesta capital.

## CARETINHAS

### COISAS DA VIDA

Á doce luz do luar os dois, sosinhos,  
Conversam de mãos dadas, fazem juras,  
Sem respeitar a lingua dos vizinhos,  
Sem procurar as noites mais escuras...

E nessa prosa trocam mil carinhos,  
E falam numas tantas aventuras...  
—Ah! que elles vivam sempre assim, juntinhos...  
(Certamente, leitor, isto nu muras.)

Porém, qual! vão-se os dias, as semanas,  
Os mezes, e afinal tudo termina,  
Toda aquella affeição já em pantufas.

Depois...—e ainda são coisas da vida—  
O rapaz vai pedir outra menina,  
E ella por outro espera ser pedida.

J. Bizzo

parece com elles experimentar as mesmas sensações santissimas do amor que faz o ente venturoso, do amor que não tem impecilho do amor que intrinsecamente desconhece o que sejam os preconceitos sociaes. Ah! meus amigos, é como aquillo é sublime, escutem! O som propagando-se pelo espaço povôa a cidade adormecida de uma doceura mystica. É como eu soffro tanto, e como sou infeliz! É não poder sentir as mesmas sensações que sentem aquelles homens que nos estão a encher os ouvidos de sons maguados, mas, de uma magua que é somente percebida por mim que soffro, pelos instrumentos que a executam!...

—Vamos, Arthur, diz Luiz, já é tarde e precisamos descansar.

É os três, pensativos, sahiram em direcção opposta, illuminados pelos raios de um luar minguante e inebriados pelos ultimos sons da walsa que em arcias, agonisava pelo espaço silencioso...

# Officina Litteraria

# JOURNAL NOBRE

## OPERARIOS

## PATRONOS

Ivo Filho  
J. Estevam Gomes da Silva  
Eustachia Mangabeira  
Manoel Januario de Mello  
Antonio Cyrillio  
Angeone Costa  
Manoel Socio da Silva  
Jorge Fernandes  
Eurico Seabra  
Jose Colthardo Netto  
Pontiano de Moraes Barbosa  
Jozue Tabyra da Silva  
Antonio Emerenciano  
Clementino Camara  
João B. do Nascimento  
Jose Sobol do Parachute  
Octavio Pinto

JOSE THEOPHILLO  
LOURIVAL AUGUSTO  
NIEZA FLORESTA  
JOAQUIM GUILHERME  
ANTONIO MARENHO  
JOAQUIM FAGUNDES  
ANDRE D'ALBUQUERQUE  
JOSE LEAO  
PREZ. MIGUEL PINO  
CICERO MOURA  
AUTA DE SOUZA  
SEGUNDO WANDERLEY  
PEDRO VELHO  
FELIX CAMARÃO  
LUIZ O. WANDERLEY  
P. JOAO MARLES  
ARLIS BAJÃO

Francisco Garcia

Ulysses Seabra de Mello

## colaboradores da revista POTYGUI

Paulino, Henrique Casriciano, Vieira e Sá, Luiz, Manuel T. das, Augusto, Leopoldo, Leonor, Marinho, Sebastião, Fernando, Carlos, Celestino, Wanderley, Thomaz, Landim, Pinna, de, Cassiano, Carrilho, Francisco, Elias, de, Moraes, Soares, Antonio, Lima, Vicente, Leites e Nestor, Lima, Coronel, Luis, Caldas, Carlos, Soares e Luiz, Bragão, de, Moraes, João, Nepomuceno, S. de, Melo, Carlos, B. de, B. de, Wanderley, e Augusto, Leite, Capriles, Jacyntho, Douglas, de, Relva, Juliana, (de), Placental, e Joaquim, Pinheiro, Tenentes, Alfonso, de, Alencar, José, Alô, Aristoteles, Costa, Decilino, Lima, Luiz, Avilla, e Appollonio, Professores, Louival, Pedro, Alexandre, João, Tiburcio, José, Carlos, e Manoel, Garcia

## CORRESPONDENTES

Raul Potengy, Rio

Jeronymo Pinheiro, Manaus

DE A. B. B. F.